

EDITORIAL – IDEIAS SOBRE A POBREZA – por Maria Toscano



Urgem ideias-comuns menos pobres sobre a pobreza

Reflectir sobre *a pobreza* nesta época de Natal – desafio da Direcção da Revista Athena a que me cumpre corresponder como estudiosa dos processos de *saída* — ou requalificação social — de quem é reconhecido como tendo sido pobre.

Começo por recordar noção sólida e transversal aos diversos estudos sociais sobre o fenómeno: *a pobreza* é um **problema multidimensional**.

Quem não sabe disto? **Quem pode afirmar** que **nunca ouviu** o enunciado das *diversas carências* que se *acumulam* num modo de vida dito pobre? Ou, trocando por miúdos: nem a condição social para se ser pobre é *linear*, nem é gerada -decorrente-causada *apenas* por *um factor*.

Quem nunca contactou — numa notícia radiofónica, num debate televisivo, num documentário, mesmo num filme ou numa canção — com o relato da acumulação de carências ou da passagem da ‘falta’

de um recurso à **centrifugação da vida** pela reprodução da escassez ou ausência de recursos?

Enfim: **quem nunca se apercebeu da dor múltipla** em que o quotidiano se transforma quando se empobrece por desemprego, ou por um divórcio/separação, ou por maus tratos de cônjuge, ou por dificuldade ou desorganização entre os gastos feitos e os possíveis?

Acrescento: sendo *a pobreza vivida* por *pessoas singulares* e únicas, estas vivências integram, sempre e simultaneamente, sectores e meios onde essa **condição é transversal elou partilhada** — outra noção chave para a sociologia e os estudos dos sociais em torno da pobreza e da exclusão social.

Isto é: constatar a *multiplicidade* das carências vividas por quem vive em condição de pobreza de todo significa que tenham uma causa singular ou individual; é, sim, conseguir perceber que a multiplicidade dos factores é acentuada ou cruzada pela **dimensão colectiva e social** do que são modos de vida **construídos** como pobres e como não pobres. Modos de vida que se reproduzem pelos **comportamentos**, como pelas **atitudes** e pelas **mentalidades, modos de pensar, de falar e de sentir**.

Somos todos testemunhas.

Até talvez já tenhamos uma noção dos conceitos ou das teorias sobre *a pobreza*.

O problema parece-me estar justamente aqui: no facto de acreditarmos que *temos uma ideia do assunto*, pelo que, todos *formulamos uma análise*, ou várias, discordantes; e, claro, em consequência, acabarmos por concordar que *“como sempre houve pobreza, continua a haver e sempre haverá pobreza”*.

O problema é que, ainda que seja mais fácil-cómodo alinhar na frase comum de que *“sempre houve pobreza”* não temos evidências disso. Aliás, temos evidências de que as desigualdades entre os mais e os menos poderosos foi uma construção, crescentemente elaborada e justificada-legitimada para alimentar o conformismo e a desistência de contribuir para outra maneira de organizar recursos e vida social. A história humana ensina que foi a ‘descoberta’ da terra privada, das ferramentas, instrumentos e alfaias privadas, e a invenção dos

alojamentos, dos parceiros e das crias gradualmente exclusivos e 'privados' que acelerou a emergência e gradual desigualdade de sectores sociais poderosos, menos poderosos e não poderosos. Desigualdades e poderes são determinantes na emergência e manutenção de realidades pobres.

De todo se pretende defender um – impossível – *regresso ao passado* ou o saudosismo das *puras origens*. O tema é: atenção a preconceitos, ideias-feitas disparatadas e sem qualquer suporte empírico-real-fundamentado.

A ciência tem o dever de se tornar clara e acessível – o cada vez tem conseguido mais, como cada vez mais integrar de forma explícita as noções com que governamos e conduzimos as nossas vidas globalizadas.

Sendo a *pobreza* uma condição multidimensional, colectiva e relacionalmente construída e legitimada e mantida-reproduzida, não bastam à sua mutação e superação acções singulares, particulares e isolada no tempo e dos vários sistemas-contextos-sectoriais.

A *pobreza* subjaz à degradação ecológica dos recursos do planeta; a *pobreza* suporta o tráfico de seres humanos; a *pobreza* alimenta as relações de género degradantes e agressivas (podendo estas desenvolverem-se noutros contextos não 'pobres'); a *pobreza* estimula a competição, o individualismo, o insucesso escolar e a ignorância social; a *pobreza* é o rosto das incapacidades relacionais e de justiça que as nossas sociedades manifestam e, nalguns casos, aprofundam.

Somos todos testemunhas.

Sejamos todos sujeitos de mudança, a começar pela distância entre aquilo que pensamos e fazemos.

Ou, calemo-nos de vez e assumamos que, por sermos tão miseráveis, nem somos capazes de admitir que o fim da pobreza envolve e implica a todos, porque os recursos-mãe e os contextos e modos de legislar e organizar a vida são... colectivos, relacionais e sociais.

Que tal, neste Natal, deixarmos de nos convencer(mos) de que somos muito humanos e, de uma vez por todas, admitirmos que aquela gastíssima frase – “*pois, sempre houve pobreza...*” – sendo cómoda, é uma falácia, pois é um dos nossos comportamentos miseráveis que reproduzimos e nos faz, também por isso, sermos pobres?

Que tal assumirmos ideias *menos pobres* sobre a pobreza... e acções...?



Maria (de Fátima C.) Toscano, Doutora em Sociologia. Docente Universitária, Investigadora e Formadora. *Coach* e *Trainer* em Programação Neurolinguística.

Figueira da Foz, 3 de Dezembro / 2022